

CONCORRE AO CONGRESSO

Mark Teixeira em evento de campanha em Nova Iorque

■ Por HENRIQUE MANO
LUSO-AMERICANO

A liderança republicana da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos prepara-se para colocar o antigo astro da Major League Baseball (MLB) luso-descendente Mark Teixeira na linha da frente da campanha eleitoral durante o recesso de verão do Congresso.

De acordo com o "Político", o líder da maioria na Câmara, Steve Scalise, irá promover uma ação de angariação de fundos com Teixeira, na cidade de Nova Iorque, no próximo dia 20 de agosto.

O evento contará ainda com a presença do presidente da Câmara dos Representantes, Mike Johnson.

Mark Teixeira é candidato republicano ao Congresso pelo 21.º distrito do Texas, procurando suceder ao congressista Chip Roy, que não se recandidata ao cargo.

Natural de Annapolis, no estado de Maryland, e descendente de famílias madeirenses oriundas da Guiana, Teixeira desta-

cou-se como um dos mais conceituados jogadores da MLB da sua geração. Ao longo de 14 temporadas na principal liga norte-americana de beisebol, representou os Texas Rangers, Atlanta Braves, Los Angeles Angels e, sobretudo, os New York Yankees, equipa com a qual conquistou a Série Mundial de 2009. Terminou a carreira profissional em 2016.

Dado que o 21.º distrito do Texas é considerado um bastião republicano, os estrategas do partido acreditam que Teixeira tem fortes possibilidades de vencer a eleição. Por esse motivo, a direção republicana pretende utilizar a sua notoriedade para apolar candidatos envolvidos em disputas eleitorais mais competitivas.

Além da participação em ações de angariação de fundos, está prevista a presença de Teixeira em iniciativas de campanha em vários distritos considerados decisivos entre agosto e novembro, incluindo estados como a Pensilvânia e a Geórgia, onde as eleições para a Câmara dos Representantes deverão ser particularmente disputadas. ■

O mapa do 21.º Distrito Eleitoral do Texas onde o luso-descendente Mark Teixeira (antiga estrela de beisebol) concorre como republicano/conservador e com o apoio do Presidente Donald Trump



COMUNICAÇÃO SOCIAL

RTP: Serviço público ou ao serviço de uma ideologia?

Em Portugal, praticamente todos os consumidores de electricidade contribuem mensalmente para o financiamento da RTP através da chamada Contribuição para o Audiovisual. Pouco importa que assistam aos seus programas, que prefiram outros órgãos de comunicação social ou que jamais sintomem qualquer dos seus canais. Pagam, ainda assim.



impressões de um português na América

■ Por CÉSAR DEPAÇO

dados presentes num estúdio. Mede-se pela diversidade efectiva das opiniões, pela imparcialidade das perguntas, pelo equilíbrio da análise e pela ausência de preconceitos ideológicos no tratamento da informação.

Uma televisão pública não existe para educar politicamente o povo segundo a visão de uma determinada classe intelectual. Não existe para orientar consciências, seleccionar verdades convenientes ou transformar opinião em notícia.

Existe para fornecer aos cidadãos os factos necessários para que cada um possa formar, livremente, o seu próprio juízo.

Se um canal privado decidir adoptar uma linha editorial de esquerda ou de direita, compete ao mercado, aos espectadores e aos anunciantes premiá-lo ou penalizá-lo. A liberdade de imprensa compreende também a liberdade de orientação editorial.

Mas a RTP não vive apenas da escolha voluntária do público. Beneficia de um financiamento obrigatório, suportado pelos contribuintes através da factura da electricidade. Essa circunstância impõe-lhe um dever muito mais exigente de independência, equilíbrio e neutralidade.

Quem é obrigado a financiar um serviço público não deve sentir que está a financiar uma ideologia.

O cidadão conservador paga. O cidadão socialista paga. O liberal paga. O comunista paga. O monárquico, o republicano, o crente e o agnóstico pagam igualmente.

Todos contribuem. Por conseguinte, todos têm o

direito de exigir respeito.

A RTP não pode confundir serviço público com activismo político, nem pluralismo com a presença meramente decorativa de vozes discordantes. Não basta convidar alguém de direita para um painel se essa voz for constantemente interrompida, colocada em minoria ou tratada como uma anomalia intelectual.

A imparcialidade não é uma concessão. É uma obrigação.

A credibilidade de uma televisão pública não depende apenas das audiências, da popularidade dos apresentadores ou da qualidade técnica das suas produções. Depende, acima de tudo, da confiança dos cidadãos que a sustentam.

Essa confiança constrói-se através do rigor, da independência, da contenção ideológica e do respeito pela inteligência do público.

A RTP deveria representar Portugal inteiro, e não apenas o Portugal que pensa de determinada maneira.

Porque, quando todos são obrigados a pagar, nenhum Português deveria sentir que a televisão pública fala apenas para alguns.

■ Esta é uma coluna de opinião do seu autor e não reflete necessariamente a opinião do jornal.

César Depaço

- Empesário e filantropo
- Cônsul ad honorem de Portugal entre 2014 e 2020
- Fundador e Director-Executivo da Summit Nutritional International Inc.®
- Fundador e Presidente do Conselho de Administração da Fundação DePaço
- Defensor incondicional das forças da segurança e dos princípios conservadores

“Porque, quando todos são obrigados a pagar, nenhum Português deveria sentir que a televisão pública fala apenas para alguns”